

PARADOXOS DO VOTO

Wanderley Guilherme dos Santos

Se o valor individual de cada voto, em uma eleição, é igual a $1/N$, obviamente ele será tão mais negligenciável quanto maior for o valor de N , ou seja, o número total de eleitores. Sabendo-se que o custo de oportunidade (**CO**) de votar é raramente igual a zero, valores crescentes de N tornam muito provável que, para significativa parcela de eleitores, seja válida a seguinte expressão: $CO > 1/N$. É razoável admitir que em democracias modernas, mesmo nas pequenas, a desigualdade $CO > 1/N$ é verdadeira para uma quantidade de pessoas bastante superior ao número dos que comparecem às cabines eleitorais. Não obstante, essas pessoas vão e votam. Por quê?

Prefiro formular o paradoxo do voto introduzindo a comparação com os custos de oportunidade, de maneira que o paradoxo não seja resolvido trivialmente, a saber, pelo caráter intrinsecamente lúdico atribuído ao ato de votar. Este recurso tornaria o custo de oportunidade igual a zero, tornando, portanto, $1/N$ - por menor que fosse - sempre superior à abstenção. Os custos de oportunidade do voto, contudo, são sempre diferentes de zero; é isto que dá origem ao paradoxo, em minha opinião, e somente quando os **CO** são superiores a $1/N$.

Evidentemente, à medida que $1/N$ seja maior do que **CO**, é razoável em princípio votar. Neste caso, surge o avesso do paradoxo original: aparentemente o número de pessoas para as quais $1/N$ é superior a **CO** é consideravelmente inferior ao número de pessoas que, todavia, se abstêm. E isto em países nos quais o custo do processo de votar - em tempo, dificuldades burocráticas etc. - é bastante próximo de zero, ou, pelo menos, do valor estimado de $1/N$. Por que, então, não votam?

A manifestação aparente do paradoxo do voto, quando se explicita o conceito comparativo de custos de oportunidades, consiste conseqüentemente no fato de que votam muito mais pessoas do que deveriam, quando se supõe razoável a distribuição entre elas da desigualdade $CO > 1/N$, **ao mesmo tempo** que o número de abstenções (mais votos brancos e nulos) também é superior ao que seria esperado, dada a equivalentemente razoável premissa da distribuição da desigualdade $CO < 1/N$ entre essas mesmas pessoas. O paradoxo, em minha interpretação, aponta para a existência simultânea de **excesso** de votantes e de **excesso** de absenteeístas. A formulação do paradoxo nestes termos parece pouco sensata. A rigor, sendo **Z** o número total de votantes, ele equivale à soma de **X** (os que votam) e **Y** (os que se abstêm, anulam ou votam em branco), tornando lógica e aritmeticamente impossível que ambos sejam, **ao mesmo tempo**, maiores e menores do que eles mesmos.

Traduzindo em notação anteriormente usada, foi dito que:

a. quando $1/N > CO$, então **Y'** (abstenção) é menor do que **Y** (abstenção observada); e

b. quando $CO > 1/N$, então **X'** (votantes) é maior do que **X** (comparecimento esperado).

Donde, se $Y + X = 100\%$, então $Y' + X'$ seria diferente de 100%, o que não é aceitável. A presente reflexão busca esclarecer os paradoxos embutidos no paradoxo clássico e revelar como a formulação aqui sugerida nada tem de inconsistente.

Em primeiro lugar, é absolutamente indispensável ter presente que, aritmeticamente, o valor de qualquer voto é e só pode ser estritamente binário: ou o voto conta aritmeticamente como **zero**, quando o eleitor se abstém, vota branco ou nulo, ou conta como **um**, quando é válido. A expressão correntemente utilizada - e que também usei acima - de que o valor do voto é igual a $1/N$ ilude o entendimento daquilo que, de fato, está sendo valorado. A expressão indica, em realidade, qual o valor **proporcional**, no conjunto de votos totais, do valor absoluto unitário de cada voto individual. O peso relativo de cada voto individual é seguramente dado pela expressão $1/N$, mas o valor absoluto aritmético de cada voto ou é **zero** ou é **um**. Nenhuma contagem eleitoral apura ou agrega 0,36%, ou outra expressão decimal qualquer de um voto. A agregação eleitoral é binária. Por exemplo: $1+1+0+0+0+1+1+1...+1$.

Em segundo lugar, convém esclarecer que os resultados de uma competição eleitoral expressam uma soma **algébrica** de várias adições **aritméticas**, tal como a expressa no parágrafo anterior. Em outras palavras, cada voto destinado a um candidato ou partido, cujo valor é e só pode ser **um**, é automaticamente anulado por voto que seja dado a candidato ou partido diferente. Por isso, cada voto individual vale rigorosamente tanto quanto qualquer outro voto individual, compondo-se com ele, se são semelhantes na orientação, ou anulando-se mutuamente, caso difiram na preferência.

Demonstra-se agora o absurdo de levar-se ao pé da letra a interpretação de que o valor de um voto é função do número total de eleitores: se N_x , que é o número total esperado de eleitores do candidato **x**, é duas vezes maior do que N_y , que é o total de votos antecipados do candidato **y**, isto quer dizer que o voto individual contido em N_x vale 50% **menos** do que qualquer voto individual contido em N_y ? Se assim fosse, cada dois votos em **x** contariam tanto quanto um voto em **y**, e a eleição terminaria empatada. Este absurdo não ocorre porque, na realidade, todos os votos válidos, inclusive no conjunto $N_x + N_y$, são estritamente equivalentes em valor absoluto, isto é, **um**.

O jogo eleitoral constitui o que se poderia denominar de jogo especular de soma zero, no qual o que um candidato ganha o outro perde, e **vice-versa**. Vence aquele que, ao final, detém uma "sobra" de votos que não pode ser jogada, e, portanto, anulada, contra ninguém, porque todos os competidores como que esgotaram suas fichas.

E esse valor aritmético absoluto de **um** que necessita ser ainda diferenciado de um terceiro conceito de "valor de voto", que se refere ao que o eleitor espera obter como benefícios, caso seu candidato ou partido seja vencedor. As expectativas do eleitor variam consideravelmente, oscilando por aí sua avaliação do "valor" potencial do seu voto como gerador de benefícios futuros. Mas isto não altera em nada o valor aritmético-eleitoral do voto: este ou é **zero**, ou é **um**.

É evidente, por outro lado, que a decisão dos eleitores depende de suas expectativas quanto ao que podem esperar no futuro, caso seu escolhido seja vencedor, face aos custos presentes da oportunidade de participar da eleição. Ele sabe que seu voto vale **1**, e não $1/N$, e que seu voto sempre será eficaz, totalmente eficaz como voto, pois anulará um voto dado a candidatos alternativos. Para todo efeito prático, esse valor de **1** é o valor de vitória, ao contrário do que sustenta a teoria econômica do voto, pois a vitória, estilizadamente falando, consiste precisamente em ter apenas mais um voto válido (não anulado por voto de competidores) além dos demais candidatos, e esse voto pode muito bem ser o seu.

A fim de introduzir as condições de voto e de abstenção, ajustando-as à mudança conceitual que propus, digamos que, para cada eleitor, seu voto implica, simbolicamente, o quanto ele pode esperar em benefícios futuros, no caso da vitória de seu candidato. (**CO** continua a significar custos de oportunidade presentes, e zero indica o valor da abstenção. Sendo os custos de oportunidade, por definição, sempre maiores do que zero, as condições respectivamente de voto ou abstenção para cada eleitor individual são dadas pelas expressões a seguir:

$$1 > CO > 0 \quad (1)$$

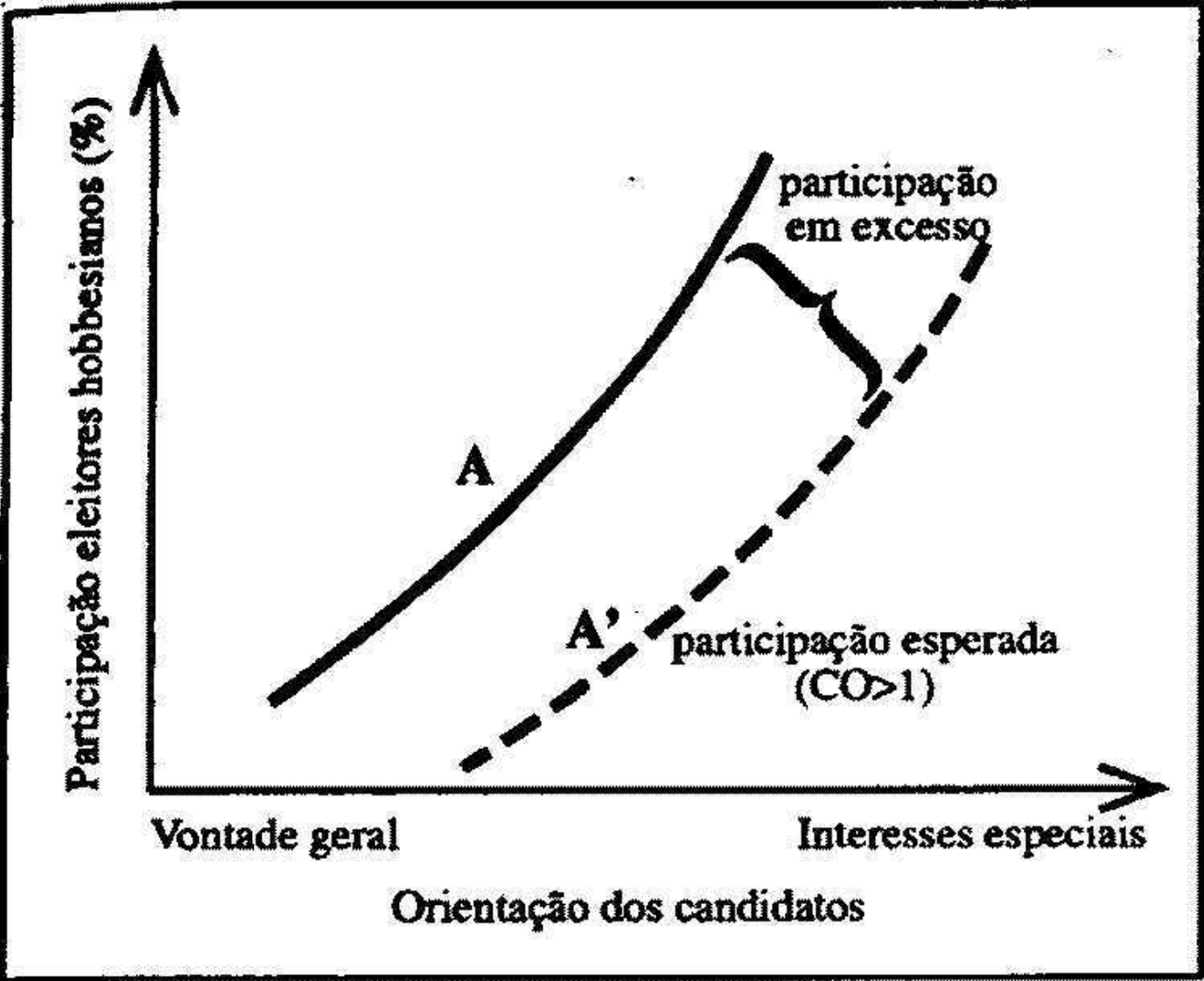
$$CO > 1 > 0 \quad (2)$$

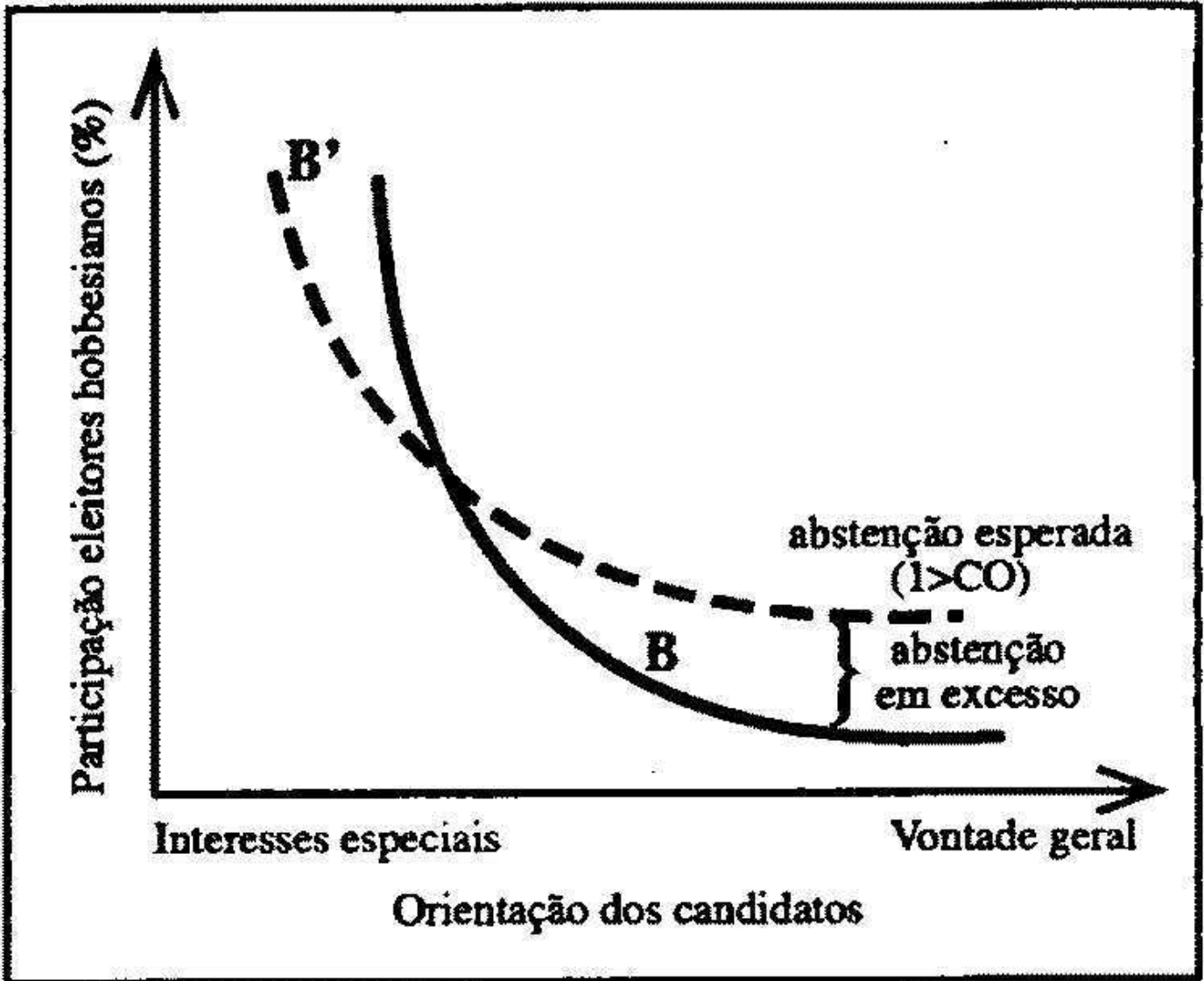
Obviamente, se o cálculo subjetivo do eleitor favorece a expressão (1), ele tenderá a participar da eleição; e tenderá a abster-se se sua inclinação privilegiar a fórmula (2). A distribuição das preferências dos eleitores entre as duas fórmulas este. na origem das taxas variáveis de não-participação no processo eleitoral. Analiticamente, entretanto, é necessário avançar e demonstrar agora a plausibilidade dos paradoxos do voto.

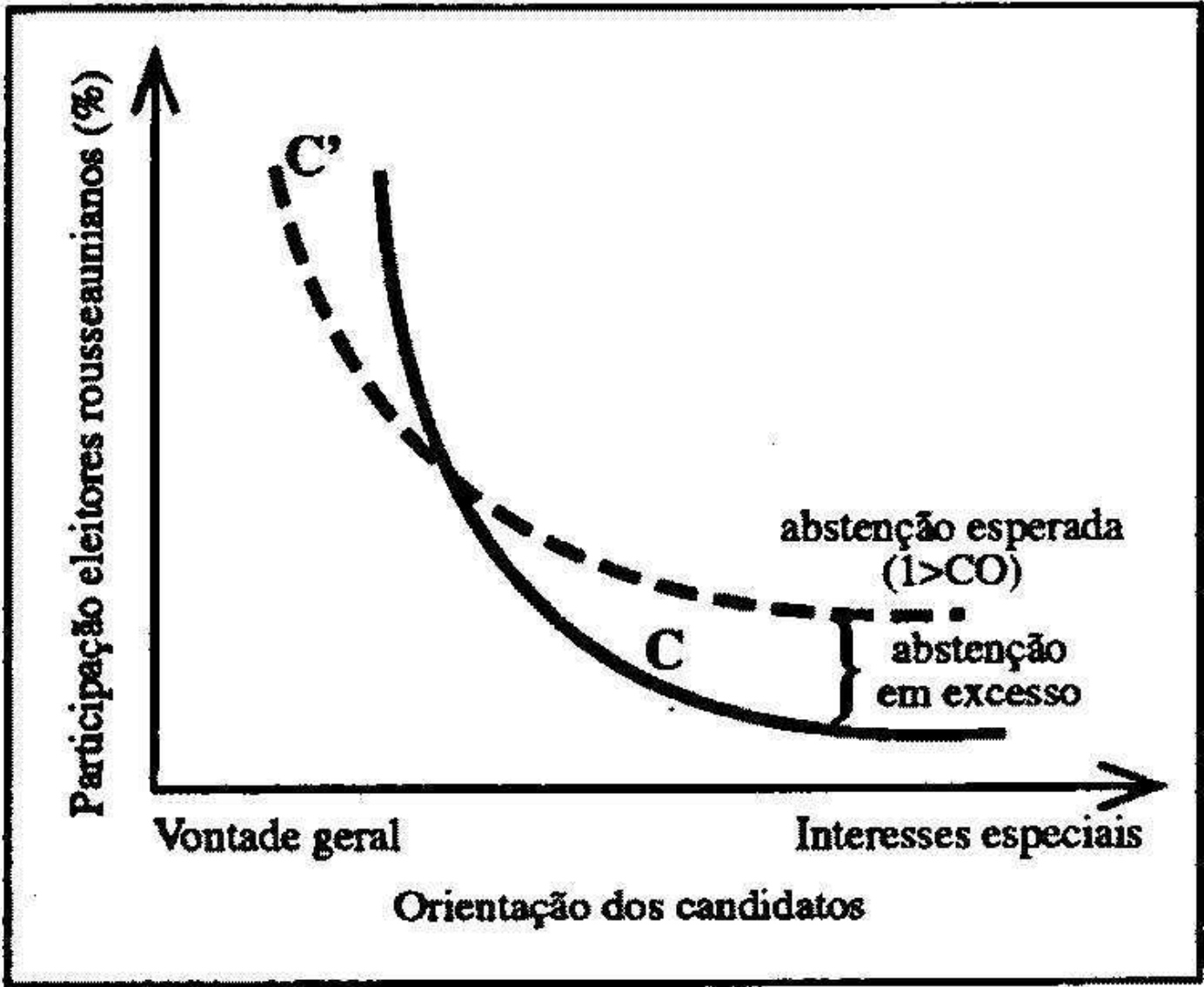
Para efeito de argumentação mais direta, vou assumir que tanto os eleitores como os candidatos a representantes dividem-se em dois tipos principais: hobbesianos maximizadores e rousseauianos intérpretes da vontade geral. Sabe-se que os eleitores hobbesianos buscam candidatos que lhes ofereçam perspectivas de ganhos específicos, segmentados - por assim dizer, personalizados -, enquanto os rousseauianos preferem candidatos que privilegiam o interesse comum, as causas gerais, o universalismo da condição social. Correlatamente, os candidatos à representação oferecem programas que são hobbesianamente específicos ou rousseauianamente genéricos. Ignora-se, entretanto, a distribuição precisa dos membros dessas classes. Desta tipologia mínima seguem-se quatro possibilidades de interação eleitor-candidato, mostradas na tabela abaixo:

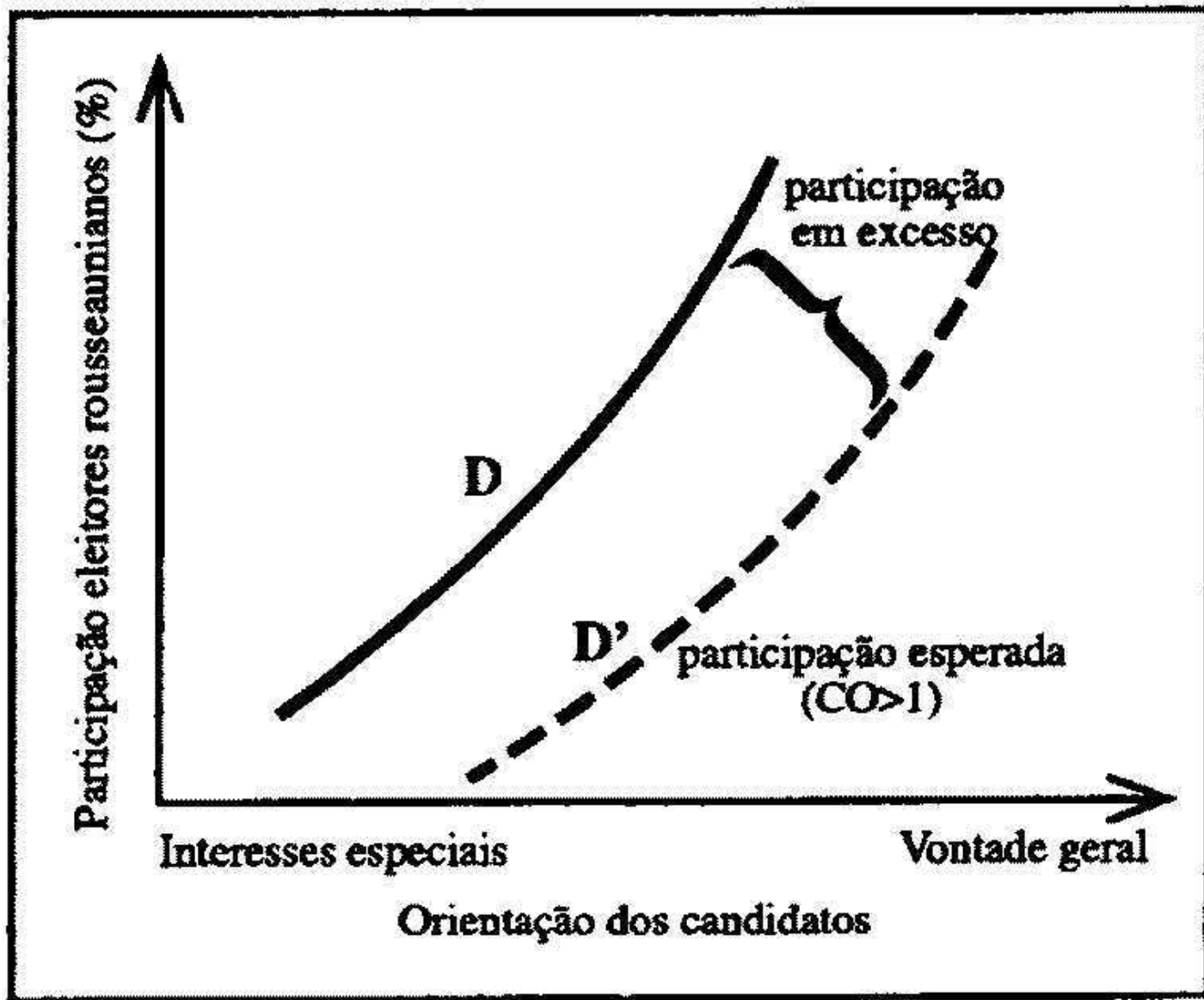
		Candidatos	
		Hobbesianos	Rousseauianos
Eleitores	Hobbesianos	A	B
	Rousseauianos	C	D

Na cela **A** encontram-se os eleitores que conseguem encontrar o candidato de seus sonhos e viceversa. O mesmo ocorre na cela **D**, a cela dos rousseauianos. As celas **B** e **C** apontam para sérios desencontros entre eleitores e candidatos. Pois bem: dependendo da frequência dessas interações, as respectivas curvas probabilísticas de participação (e, portanto, de seu contrário, de não-participação) tenderão a revelar os seguintes formatos, em comparação com a curva do que deveria ocorrer, caso apenas valessem as condições $1 > CO$ ou $CO > 1/N$:









É facilmente perceptível que, quanto maior for a dificuldade que os eleitores rousseauianos (hobbesianos) encontrem para identificar candidatos igualmente rousseauianos (hobbesianos), maior tende a ser a taxa de abstenção (curvas **B** e **C**). Quando acontece o contrário, a taxa de participação tende a ser elevada (curvas **A** e **D**). Fazendo a conexão com a análise anterior, verifica-se que as curvas **A** e **D** apontam para uma circunstância em que, para a maior parte daqueles eleitores, vale a expressão $1 > CO > 0$, enquanto para os eleitores cujas decisões deram origem às curvas **B** e **C** parece ter valido o cálculo $CO > 1 > 0$.

A título de conclusão:

- a distribuição real da abstenção (mais votos nulos e brancos) depende do somatório das curvas **A**, **B**, **C** e **D**, e é por isso mesmo que as quatro possibilidades ocorrem simultaneamente nos processos eleitorais;
- a distribuição de eleitores, tanto quanto de candidatos, varia no tempo, havendo inclusive mudanças de posições - eleitores hobbesianos que se comportam, em alguma eleição, de maneira rousseaumana, e vice-versa,
- as razões que explicam a formação de preferências tanto de eleitores quanto de candidatos escapam ao alcance deste modelo;
- todas as considerações sobre valor e cálculo de voto feitas anteriormente parecem-me mais ricas e apropriadas do que as sugeridas pela tradicional teoria econômica do voto.